

PERCEPÇÃO AMBIENTAL¹

Lívia de Oliveira²

O homem deve aceitar a responsabilidade de administração da Terra, a palavra administração implica, naturalmente, governo para o bem comum
René Dubos: Uma terra Somente (p. 21)

RESUMO

As noções básicas sobre percepção/cognição implicam as de sensação, atividade perceptiva, imagem mental e a própria conduta humana relacionada com a afetividade e a representação. Além disso, a percepção ambiental diz respeito ao urbano, ao rural e às regiões selvagens. As perspectivas para uma percepção ambiental não devem se restringir, apenas pelas belezas exóticas e únicas, mas, sim envolver uma tomada de consciência, priorizando atitudes éticas e afetivas em relação ao meio ambiente.

Palavras chaves: Noções percepção/cognição. Percepção Ambiental.

ABSTRACT

The basics of perception / cognition imply the sensation, perceptual activity, mental image and the very human behavior related to affective and representation. Furthermore, the environmental perception concerns to urban, to rural and to wild regions. The perspectives for an environmental perception should not be restricted only by the exotic beauties and uniques, but rather to involve an awareness, prioritizing ethical and affective attitudes in relation to the environment.

Keywords: Understanding perception / cognition. Environmental Perception.

INTRODUÇÃO

Neste artigo queremos prestar nossas homenagens ao nosso saudoso e tão admirado colega de tantas lutas em prol da paisagem e do meio ambiente: o eminente biogeógrafo, pesquisador e mestre. Para tanto, nos propusemos a tecer algumas considerações sobre percepção ambiental, naturalmente, mais do ponto de vista geográfico, do que ecológico. Nossa responsabilidade é dupla, porque Felisberto Cavalheiro foi um grande professor de Biogeografia, pois suas aulas cobriam uma gama enorme de assuntos ligados ao meio ambiente; e um grande

1 Este artigo foi publicado originalmente na obra intitulada **Paisagens geográficas: um tributo a Felisberto Cavalheiro**, organizado por Douglas Gomes dos Santos e João Carlos Nucci, no ano de 2009 pela Editora da FECILCAM – Campo Morão – PR.

2 Professora Emérita da UNESP de Rio Claro – SP.

pesquisador, pois suas investigações procuravam sempre relacionar as pessoas com seu meio ambiente.

Tentaremos, por conseguinte, fazer uma varredura geográfica, partindo das noções básicas para melhor compreender e explicar a própria percepção ambiental. Procuraremos levantar questões de percepção ambiental urbana, passando pelo rural, chegando às regiões selvagens e tentando vislumbrar as perspectivas para uma percepção ambiental.

NOÇÕES BÁSICAS SOBRE PERCEPÇÃO/COGNIÇÃO

A superfície da Terra é extremamente variada. Mesmo um conhecimento casual com uma geografia física e abundância de formas de vida, muitos nos dizem, mas são mais variadas as maneiras como as pessoas percebem e avaliam essa superfície. (*Yi-fu Tuan. Topofilia p.6*)

Convém, desde o início, estabelecer as definições conceituais sobre as noções, que consideramos básicas quando tratamos da percepção ambiental. Aqui, nossas palavras-chaves são as seguintes: sensação, percepção, atividade perceptiva, cognição e representação conceitualmente, segundo Piaget, atingindo a própria conduta.

Ao partir da **realidade** que comporta as possibilidades de ocorrência, procuraremos analisar a conduta humana em relação ao meio ambiente. A porta de entrada, ou melhor, o nosso contato com o mundo exterior se dá através dos nossos órgãos sensoriais, de maneira seletiva e instantânea, propiciando a **sensação**. Esta é variável de acordo com o aparelho sensorial que estamos usando. A realidade “entra” em nosso mundo mediante: a visão, a audição, o olfato, o paladar e o tato-cinestesia. Cada órgão desempenha uma atividade correspondente: visual, auditiva, olfativa, gustativa e tato-cinestésica. Nossos órgãos sensoriais agem concomitantemente. É difícil separá-los na prática. Convém lembrar que o que penetra pelos sentidos são os estímulos sensoriais. As sensações, necessariamente passam pelos **filtros culturais e individuais** para se tornarem percepções. A **percepção** só se dá no córtex cerebral, em um determinado momento correspondente à sensação.

Como exemplo, usaremos o da visão. Isto se justifica porque em percepção e cognição ambientais trabalhamos quase que, apenas, com a percepção visual. A luz refletida pelos objetos transforma-os em estímulos visuais que são projetados em duas dimensões na superfície plana da retina e são levados como impulsos

nervosos até o ponto da visão, na região occipital do córtex cerebral e, é aí que se recupera a terceira dimensão, engendrando nossa percepção visual em três dimensões.

Os filtros culturais e individuais são produto de interesse, da necessidade e da motivação. São tão importantes, em nossa percepção, que muitas vezes determinam as tomadas de decisões e nos conduzem às tomadas de consciência.

Assim, entendemos, segundo Piaget, a **percepção** como uma construção empírica que progride por etapas e que jamais se apresenta como uma “leitura de experiência”; **inteligência** como um sistema de ações e operações que são grupadas em estruturas sucessivas de acordo com um processo e um ritmo genéticos regidos pelas leis de equilíbrio. A função intelectual, em seu aspecto dinâmico, é também caracterizado pelos processos invariantes da assimilação e acomodação. Estas duas compreendem um modo de organização, que constituem a **cognição**. Cada ato de inteligência presume um tipo de estrutura intelectual e um modo de organização. Por sua vez, a apreensão da realidade sempre envolve múltiplas inter-relações entre ações cognitivas e entre conceitos e compreensão que essas ações expressam. Enquanto **conhecer** consiste em construir ou reconstruir o objeto do conhecimento para poder apreender o mecanismo de sua construção, a **imagem mental** será considerada como uma imitação interiorizada, não sendo uma cópia do objeto, mas, sim um correlato (Figura 1).

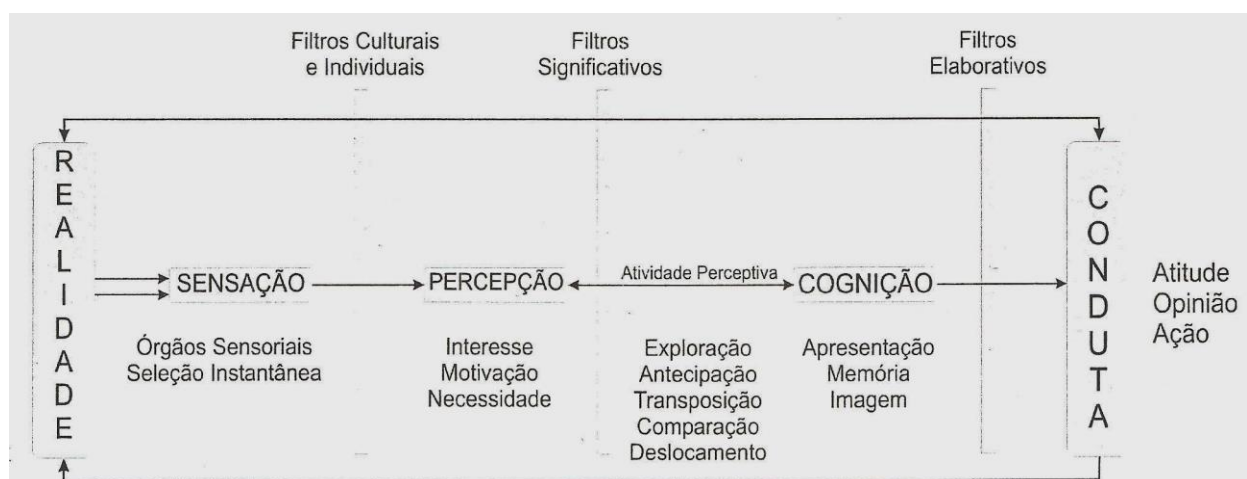


Figura 1. Esquema do processo perceptivo cognitivo (Org. CAMILLO, M., 2007)

Entre percepção e a inteligência, Piaget reconhece atividades mentais intermediárias e define essa **atividade perceptiva** como um processo que supõe deslocamento dos órgãos sensoriais no espaço, comparações no tempo,

transposições, antecipações, enfim explorações. Entre a percepção e a inteligência se interpõe como um continuum em ambas as direções, a atividade perceptiva. Assim sendo, esta atividade perceptiva está intimamente vinculada à cognitiva, pois é esta que engendra aquela e a resposta do indivíduo se apresenta como resultado da equilibração entre suas estruturas internas (biológicas e mentais) e as externas (ambientais, culturais, sociais, econômicas). Portanto, a **conduta humana** é tão complexa que não pode ser reduzida a simples termos convencionais, pois o sistema homem é alimentado por um tipo de energia tremendamente dinâmico e segundo ritmos e regulações muito sofisticadas que é a **afetividade**. Os processadores deste sistema não atuam somente em um plano, mas sim em vários, tais como: sensorio-motor, perceptivo, simbólico, intuitivo, representativo, operatório (concreto e formal). Por outro lado, a **representação** é a capacidade de evocar um signo ou símbolo o objeto ausente ou a atividade realizada, independentemente da percepção.

Convém lembrar que tanto a percepção/cognição como a conduta espacial estão na dependência do conhecimento, da atitude, opinião que o indivíduo tenha do espaço. Isto equivale a dizer subjacente à ação (perceptiva e cognitiva) exercida sobre um determinado espaço constrói sempre uma noção de espaço e. Mais ainda, a adoção de uma teoria que conceitualize o espaço em termos de definição, limitação, classificação, função, hierarquização, organização, etc. São estes termos que determinam a escolha da representação cartográfica do espaço.

As atitudes, os valores e os símbolos revelam características espaciais em termos da natureza e da cultura. Todas estas observações necessitam ser encaradas diante das tendências contemporâneas de uniformização de atitudes, homogenização de valores e de transformação de símbolos tendendo e se dissolver pela ação avassaladora da industrialização e urbanização modernas.

PERCEPÇÃO AMBIENTAL

Os meios utilizados para atingir os resultados geralmente são os mais importantes do que os próprios resultados
Yi-fu Tuan, Topofilia (p.3)

Alguns autores preferem a denominação percepção do meio ambiente, ao termo percepção ambiental, pois o primeiro é mais abrangente, mais compreensivo,

quando adjetivamos a percepção restringimos o seu significado. Contudo, o que parece e que a maioria dos estudiosos vêm trabalhando mais com percepção ambiental, do que propriamente com a percepção do meio ambiente. Del Rio e Oliveira (1996) denominaram o seu livro pioneiro de “Percepção Ambiental: a experiência brasileira”.

O que fica claro nesta obra, já um clássico, é que foram abertas novas perspectivas para uma gama de profissionais e estudiosos, desde arquitetos, geógrafos, urbanistas, economistas, sociólogos, psicólogos, ecólogos, juristas, biólogos, educadores até planejadores, atingindo um público geral, e em particular aqueles interessados em meio ambiente.

Percepção ambiental, não é de fácil definição; mais vale experienciá-la do que defini-la. Enquanto conceito difere segundo estudioso, cada um dado ênfase à sua especialidade. Cada um atribuindo maior ou menor intensidade ao aspecto abordado, à sutileza de compreensão, ou, ainda modo de expressão. A resposta dada à percepção ambiental, também será variada: cultural, econômica, artística, geográfica, histórica, ecológica, afetiva. O que sabemos é que cada profissional atribuirá significados diferentes à percepção ambiental que pesquisará ou empregará em sua investigação, quer científica, ou empírica. Porém, todos aplicarão métodos qualitativos, muito mais que quantitativos.

O que importa em se tratando de percepção ambiental é que todos se preocupam com os impactos ambientais que ocorrem no meio ambiente natural ou construído. Neste século, que se está iniciando, a noção de impacto ambiental se ampliou consideravelmente. Necessário se faz, proceder a um parêntese para tecer algumas considerações sobre meio ambiente. Atualmente, o sentido que se atribui ao termo meio ambiente é tudo e todos que nos rodeiam: a natural e o construído; o perto e o distante; o que amamos; é tanto o social, quanto o religioso; o concreto e o abstrato; o visível e não visível. Assim, concebido, para se estudar, pesquisar o meio ambiente deve-se recorrer a uma equipe interdisciplinar, cada elemento contribuindo para sua esfera. Em outras palavras, pode-se mesmo, afirmar que é multidisciplinar, podendo-se dizer que é transdisciplinar.

O que queremos dar ênfase, aqui, é que a abordagem perceptiva/cognitiva em relação ao ambiente exige uma plêiade de interessados; pois o problema não é simples, mas, sim, complexo, muito dinâmico e implica afetividade. Como as indagações são imbricadas, as respostas, também serão intrincadas, esperando que

o planejamento para o ambiental conte um número necessário de profissionais para se chegar a uma solução satisfatória.

Quando se trata de percepção ambiental, trata-se, no fundo, de visão de mundo, de visão de meio ambiente físico, natural e humanizado, na maioria é sociocultural e parcialmente é individual; é experiência em grupo ou particularizada; é uma atitude, uma posição, um valor, uma avaliação que se faz do nosso ambiente. Ou seja, usando o neologismo topofilia, para expressar os laços afetivos que desenvolvemos em relação ao nosso meio ambiente, direta ou simbolicamente.

Concordamos com a maioria dos intelectuais que consideram a questão ambiental, e a percepção ambiental, os problemas cruciais para o século XXI, como os séculos XIX e XX foi a questão social. Contudo, não estamos preparados tanto política quanto afetivamente para enfrentar questões referentes às relações entre natureza e sociedade. Ao nosso ver, a questão exige que equacionemos a solução para o problema sob um ponto de vista ético, muito mais do que socioeconômico. Enquanto ignoramos que o meio ambiente é finito, nem sempre renovável e inesgotável e não desenvolvemos uma afetividade em relação a ele, continuaremos a usá-lo e depredá-lo sem misericórdia e sem fim. Em geral, para nós, a ideia de que o meio ambiente é uma paisagem banal, do cotidiano e nosso planeta é estático, tranquilo e imutável, não é correta, ao contrário, apesar de ser silencioso e aprazível, este ambiente se apresenta de maneira explosiva e inesperada.

PERCEPÇÃO AMBIENTAL URBANA

A apreensão dos lugares dá-se, necessariamente, a partir de sua forma física, conforme diversas abordagens arquitetônicas e geográficas da cidade, e também nos estudos centrados nos mecanismos cognitivos. *Maria Elaine Kohlsdorf. A apreensão da forma da cidade (p.31).*

A cidade sempre se apresentou aos homens como ideal, como oportunidade de realizações, como se colocando acima das vicissitudes biológicas; eram homens livres que vivam intramuros nas urbes; eram cidadãos que viviam na cidade, enquanto os servos e camponeses vivam no campo. A cidade sempre apresentou o poder, sempre sediou o rei, o sacerdote, o governante, a capital do território. Suas contradições indicavam a organização social, simbolizavam o orgulho nacional. A cidade atendia as necessidades simbólicas, rituais, comerciais e culturais de um povo, de uma nação.

Através da história, da cidade foi sempre percebida como uma simbolização cósmica, daí os desenhos geométricos de suas ruas, praças, jardins e palácios e, conseqüentemente, suas construções seguiam padrões arquitetônicos para atender as necessidades dos habitantes. Desde o início, as pessoas se aglomeravam em grupos por atividades, revelando um mosaico urbano. Aqui os artesões, ali os comerciantes, acolá os clérigos, mais além os governantes. Também, as edificações começaram a se especializar em: oficinas, lojas, igrejas, palácios, as construções de casas de moradia surgiram e se multiplicavam.

As cidades modernas são vistas como conglomerados de casas residenciais, de prédios de trabalho, de edifícios públicos, de templos religiosos, de acervos de museus, de parques e praças. As se estabelecerem relações perceptivas e cognitivas com o espaço urbano é preciso considerar os anseios da população: o que quer, o que gosta/não gosta, o que sonha, o que espera do futuro. Os governantes e os planejadores devem partir de baixo para cima. Primeiro fornecer informações dos planos, depois saber das necessidades e vontades da comunidade.

Aí que entra a percepção ambiental urbana. Como os indivíduos ou grupos percebem o meio ambiente. De que maneira este meio ambiente era e é visto pela sociedade. Lembrar à própria sociedade que a implantação de uma cidade está sobre um relevo, sobre um solo, constituído de rochas e sedimentos; que antes havia uma cobertura vegetal natural, que abrigava pássaros e animais, insetos e répteis; que as águas drenadas eram limpas e potáveis. Especialmente em cidades grandes, de proporções metropolitanas, estas lembranças são esquecidas. Só são lembradas quando, após as chuvas torrenciais de verão, os córregos estouram as tubulações e os rios provocam enchentes, cobrando seus espaços para espriarem suas águas atingindo as várzeas, que sempre forma seus domínios.

Precisamos mudar essa maneira de perceber e conhecer a natureza; precisamos reconhecer os direitos da natureza; desenvolver uma consciência pública e individual, insistir na informação básica e na comunicação; e talvez, o mais importante formar atitudes e condutas positivas e afetivas para com o meio ambiente, conduzindo toda uma a comunidade a reconhecer a topofilia com o elo fundamental entre as pessoas e seus lugares.

A percepção e cognição ambiental precisam ser questionadas de maneira integrada; perceber e conhecer a cidade como constituída de partes imbricadas e não segmentadas, assim sendo as favelas e as periferias, os bairros residenciais de

classe alta e média, os distritos comerciais e culturais são partes do todo e não pólos da realidade, não podendo ser enfrentados separadamente. A tendência é perceber em separado e procurar a resolver questões, também, separadas.

Em se tratando de percepção ambiental urbana é fundamental prever e organizar áreas recreacionais intra-urbanas. É preciso planejá-las através do tempo do espaço, considerando as dimensões duração e extensão. Sabe-se, perfeitamente, que as áreas recreacionais, quer denominadas parques de diversão, de playground, áreas verdes, campinhos de futebol ou de basquete, são locais onde se pode passar o tempo, se divertir, folgar, sentir prazer ao ar livre. Portanto, elas necessitam de uma concretização no espaço, de uma extensão que comporte os equipamentos de recreação, desde sofisticados aparelhos de diversão até uma simples bola.

As áreas recreacionais têm início e fim, enquanto são usadas, valorizadas e consideradas principalmente por crianças, adolescentes e velhos. Em geral, quando instaladas ostentam-se limpas, lindas e arborizadas, com bancos e canteiros floridos e muito agradáveis. Ao decorrer dos anos se observam: bancos quebrados, lixo espalhado, canteiros cheios de mato, áreas decepadas, indicando um desleixo generalizado por parte das autoridades e, também pelos usuários, que cresceram, se tornaram adultos e se desinteressaram por essas áreas. Os novos usuários procuram novas áreas de recreação.

Do ponto de vista ambiental, tanto perceptivo como cognitivo, os planejadores e urbanistas ao implantarem uma área verde recreacional, devem considerar a localização, o uso, a finalidade em relação aos cidadãos, moradores ou visitantes da cidade.

Na realidade, não estamos preparados para enfrentar problemas ambientais urbanos de magnitudes metropolitanas. Ao ser fundada uma cidade, em geral, não são respeitadas as leis da natureza do sítio urbano. O exemplo da metrópole de São Paulo: as várzeas dos rios e córregos foram ocupadas indiscriminadamente, nem foram preservadas as vegetações ribeirinhas; o relevo, também não foi respeitado, as ruas em geral, cortam os taludes, não seguindo as curvas de nível. Estes dois aspectos são, apenas exemplos, de outros inúmeros. Essa tendência se repete em todos os bairros, revelando uma falta de percepção e cognição ambientais elementares. Acrescentam-se aos outros problemas: ausência de informação às pessoas sobre o ciclo hidrológico da água, a sazonalidade das chuvas, o preparo

das construções, a regulamentação do uso da terra etc.

Apesar de questões ambientais relevantes, da violência, do congestionamento do trânsito, do aglomerado das multidões, a grande cidade ainda, permanece como símbolo cósmico da liberdade individual, do clímax da cultura, das experiências estéticas, da modernidade, do bem viver.

PERCEPAÇÃO AMBIENTAL RURAL

Em todos os lugares da Terra, desde o Período Neolítico, derrubaram árvores para criar lavoura e para estabelecer seus povoados *René Dubos. Mamorando a Terra (p. 60-61)*

Outro lado da moeda da percepção ambiental urbana é a percepção ambiental rural. O campo sempre se opôs à cidade; porém sempre interligados, interdependentes, imbricados, constituindo um todo inseparável. A cidade necessita das commodities produzidas pelo campo e, por sua vez, o campo necessita de que a cidade consuma seus produtos.

As características próprias do rural são os campos de cultivo e de criação de animais, o maquinário agrícola, as instalações próprias, as estradas vicinais, as moradias, constituindo uma paisagem própria, bem diferente daquela encontrada na cidade. Talvez, o mais marcante na paisagem rural seja a cor verde das plantações, entremeadas pelos capões residuais de antigas florestas. Este mar verde dos cultivos esconde o mais grave problema ambiental: o uso desregrado de agrotóxicos, que tem sido tão prejudicial para o meio ambiente, quanto para a intoxicação dos trabalhadores rurais. Diante disso, aparecem as questões ambientais como não tem sido consideradas prioritárias, nem centrais; são questões que exigem visibilidade, que dizem respeito diretamente à percepção e cognição ambientais.

É preciso mudar a maneira de se perceber o meio ambiente rural, não mais como um recurso inesgotável, pois a ação humana, como resposta à percepção ambiental agrava, às vezes, a situação do campo, permitindo o aparecimento de problemas insanáveis, tais como: erosão dos solos (voçorocas), poluição dos rios e dos lençóis freáticos, queimadas, escorregamentos de barrancos, enchentes. Isso tudo como contraposição aos frágeis arranjos dos sistemas da natureza, pois estamos usando e consumindo o nosso patrimônio ambiental em ritmos absolutamente desastrosos, impedidos de perceber que ameaçam, não apenas, o

meio ambiente, mas, também a nós mesmos.

O maquinário agrícola, cada vez mais utilizado, cada vez mais moderno, tem marcado a paisagem rural, pois a enxada, o arado puxado a animal e o carro de boi vêm desaparecendo, quando antes eram elementos marcantes nas cenas do campo. Hoje em dia, são peças de museu de curiosidade esses implementos agrícolas como a enxada, o enxadão, a foice, o arado. São encontrados, somente em agriculturas primitivas. No panorama agrícola, vários elementos não são visíveis como os adubos, os praguicidas, as inseminações artificiais, mas intrinsecamente, constituem a paisagem.

Como não deixar de destacar as moradias rurais: com as casas dispendo de água encanada, luz elétrica, banheiros, vários cômodos, cozinhas aparelhadas bem recentemente, contando com conduções próprias (automóveis e caminhonetes modernas e velozes).

Este cenário das plantações imensas e dos rebanhos numerosos marcam indelevelmente a cultura do agronegócio, comercial e globalizada e, principalmente, voltada para a exportação. A percepção ambiental da paisagem rural é sempre eivada de pobreza e de riqueza, pois, o campo está sempre subordinado quanto às dependências: climáticas (pouca/muita chuva); econômicas (custo/benefício); mercado (alto/baixo); maquinarias (avançadas/obsoletas); sementes (transgênicas/comuns); culturais (modernas/tradicionais); fundiárias (latifúndio/minifúndio); cultivos (lavouras/pastagens). Os empresários rurais, quer como donos ou trabalhadores, estão sempre submetidos a escolhas entre o mais rentável, mais produtivo e menos oneroso.

Muitas vezes, essas escolhas dependem da percepção e da cognição do momento, que necessariamente vão influenciar em um futuro próximo ou longínquo. Essas tomadas de decisões são cruciais, pois precisam ser decididas rapidamente: o que plantar/criar, em que terrenos/solos, financiar ou não a safra. Todas essas decisões a serem tomadas dependem diretamente das informações disponíveis e obtidas. Um fração de dia ou meses, no atraso da decisão compromete toda uma vida de trabalho e dedicação.

Talvez, a percepção ambiental rural é tão importante quanto a urbana porque nós, acadêmicos, não separamos a paisagem urbana da rural. Estas constituem um contínuo territorial geográfico e histórico, intercalados de vilas e povoados, limitados por estradas e caminhos.

PERCEPÇÃO AMBIENTAL DAS REGIÕES SELVAGENS

O uso da frase “Namorando a Terra” por Tagore sugere que o relacionamento entre a espécie humana e a natureza devia ser de respeito e de amor e não de domínio... além disso, o efeito é mais interessante quando ambos os parceiros conservam elementos de sua individualidade, de seu próprio estado primitivo. *René Dubos. Namorando a Terra (.66).*

O termo **selvagem** é genérico e é aplicado às regiões virgens, sem o pouco contato com o civilizado. As regiões selvagens correspondem às florestas equatoriais (da Amazônia), e frias (do Alasca); às cadeias montanhosas (do Himalaia, dos Andes); aos extensos desertos (do Saara, do Atacama); às ilhas oceânicas (do Pacífico, do Índico); às grandes geleiras (do Ártico e do Antártico); às áreas pantanosas (da península da Flórida e do interior da Mongólia), todos estes exemplos são partes do planeta, em geral inabitáveis.

Para os ecólogos e ambientalistas, selvagem define todo e qualquer meio ambiente não tocado pelas atividades humanas. Porém, ainda carrega, intrinsecamente, uma conotação de repulsa, de insegurança e de exótico. A palavra está ligada a lugar natural ou artificial, onde a pessoa experimenta perplexidade e confusão. A natureza selvagem foi, e ainda é considerada como hostil e cruel, refúgio do mal e de bruxaria. Muitos, também denominam de selvagem lugares urbanos de conjunto de edifícios amontoados indicando hostilidade e corrupção, é a “selva de pedras”.

O meio ambiente selvagem só foi percebido e valorizado, não pelos rurais, mas pelos urbanos quando perceberam e constataram uma separação entre o homem e a natureza. Esta visão surgiu na Europa, entre pessoas cultas que sentiam necessidade de um contato com um ambiente selvagem puro, intocado, não por amor, mas como busca de um enobrecimento emocional e intelectual. Com um romantismo, o ambiente selvagem tornou-se tema de conversas, de literatura, de pintura; virou moda e a procura de lugares com belos atributos da natureza, tais como a floresta, os rios, as savanas, as montanhas. Eram locais que gozavam de mistério e encantamento.

Esta percepção das regiões selvagens, somente mais tarde foi enriquecida pela ciência. Foi deixada a ideia de que os desertos, os pântanos, as ilhas isoladas, abrigavam os maus espíritos e eram deformidades da superfície terrestre. Foi, então, que os cientistas e eruditos conheceram e perceberam estes fenômenos da natureza

como expressão da ordem natural e das diversas obras humanas construídas. Apesar de terem passados séculos, muitas pessoas, tanto habitantes da cidade, como do campo, ainda sentem medo, experimentam sensações de insegurança quando se defrontam ou adentram lugares selvagens. A natureza selvagem provoca sentimentos opostos; é a criação divina em seu estado puro; é a beleza rude exótica; entretanto é muito perigosa, muito traiçoeira, abrigo de animais ferozes e plantas venenosas.

As regiões selvagens, na atualidade, vêm despertando cada vez mais interesse e exigindo a necessidade de preservar os ecossistemas únicos e incomparáveis e de extensões maiores possíveis. Reconhecemos que, o **selvagem** é mais um símbolo dos processos naturais ordenados; é mais como um espírito, é mais subjetivo do que objetivo, é mais uma descrição de uma paisagem longínqua, de difícil conceituação. Podemos descrevê-lo como aquela natureza virgem, que não é o campo e nem o seu oposto que é a cidade. Tanto o campo como a cidade são construções humanas, feitas inteiramente pelo homem, são duas polaridades, uma antítese da outra, de onde sugere um termo intermédio, que não é rural nem urbano, que é o selvagem.

A ideia que sempre prevaleceu entre as relações sociedade/natureza é que os biomas conservados representam entraves ao desenvolvimento econômico, ao progresso. A sociedade de sempre utilizou os recursos naturais de uma maneira exploradora, não se preocupando com a reposição vegetal ou animal, ou com estratégias racionais com a exploração dos minerais. O mito da natureza inesgotável, que se pode destruir e que sempre existirão recursos, que sempre serão renovados, tem sido a tônica durante milênios da ocupação do homem sobre a Terra.

O exemplo clássico e mais próximo de nós mesmos é a nossa ocupação do território, agora denominado, brasileiro, nestes 500 anos de história. A destruição da cobertura representada pela Mata Atlântica, a ocupação desordenada do cerrado do Brasil Central e mais recentemente a derrubada da floresta amazônica. Tudo isso vem acontecendo diante dos nossos olhos, somos informados pela mídia, diariamente, com a intensificação da tecnologia. A alteração do mundo natural atende a propósitos imediatistas e individualistas. Nem sempre o homem comum por mesmo os administradores relacionam as causas e os efeitos.

Porque assistimos as piores secas, como as da Amazônia, ou as piores

enchentes no Sudeste? Talvez porque sempre encaramos ou percebemos a natureza, como estática, um cenário silencioso, uma paisagem tranquila, aprazível, nos esquecemos ou não nos apercebemos que a natureza é extremamente dinâmica, é um sistema complexo, contendo fluxos de matéria e energia e que o homem surgiu apenas há algum tempo sobre a superfície terrestre. O que dizermos sobre a proposta governamental da transposição do rio São Francisco? Há milênios, o rio tem esse curso em vem construindo seu talvegue, suas várzeas, seus meandros e lutando bravamente contra a poluição e mau uso.

Não conhecemos inteiramente as leis da natureza e queremos interferir nas mesmas. Lembramos que o poder que temos sobre o meio ambiente não nos permite exercer controle sobre ele. Temos tido o poder de destruição (devastação florestal, drenagem de mangues, poluição dos rios e dos solos.), no entanto, não temos poder de reconstruir esses biomas, de maneira rápida e eficaz, não sabemos como resenhar a nossa biosfera. A ciência investiga natureza, chegando mais perto possível da realidade, em relação a outros sistemas de crença e conhecimento. Sabemos que o conhecimento científico é neutro, do ponto de vista ético, desprovido de valor, não libertando o Homem, apenas aumenta seu poder. A ciência não se preocupa, essencialmente, com a felicidade do homem, mas sim com a verdade científica.

Talvez, seja necessário e premente equacionar a questão ambiental como um todo, não abordando separadamente o econômico do social. Para tanto, será preciso educar as pessoas a perceber e a conhecer o seu meio ambiente com suas fragilidades e seus poderes e, primordialmente, desenvolver sentimentos de afetividade. Não basta conhecer, é indispensável amar, gostar da natureza, quer urbana, rural ou selvagem. Gostar implica respeitar, “cativar”, reverenciar e aceitar, não com simples emoção, mas com o intelecto, com a esperança de melhoramentos.

PERSPECTIVAS PARA UMA PERCEPÇÃO AMBIENTAL

A ideia de que podemos manejar a Terra e aperfeiçoar a natureza é provavelmente a expressão máxima da presunção humana, Mas tem profundas raízes no passado e é quase universal. René Dubos. Namorando a Terra (p. 74).

Para que a percepção ambiental ocupe um lugar de destaque dentre as

prioridades atuais, necessitamos de mais pesquisas de campo e de estudos metodológicos. Necessitamos desenvolver uma tomada de consciência ambiental ao desenvolver uma atitude ética e afetiva em relação ao meio ambiente.

Desejamos, por um lado, preservar e conservar os animais e as plantas selvagens, com seus biomas, porque reconhecemos seus direitos naturais. De outro lado, não queremos alterações em relação às nossas paisagens históricas, representante do nosso patrimônio ambiental humanizado como os vinhedos da França, as represas e canais artificiais, os trajetos das rodovias e ferrovias modernas com seus túneis e viadutos, as pontes de madeiras e das de concreto, os castelos e os arranha-céus, as fazendas coloniais. Nossas atitudes são ambivalentes, gerando conflitos entre a recreação e o turismo e a preservação e conservação das regiões selvagens.

Enquanto a população mundial fora relativamente pequena e a tecnologia não tinha atingido os patamares de desenvolvimento, a intervenção humana não era significativa. Porém, quando atingimos um contingente de bilhões e bilhões de habitantes e dispomos de técnicas sofisticadas de rapidez e eficácia para explorar e devastar a natureza, a questão se revela crucial, premente e prioritária. Aí, entram os estudos de percepção e cognição ambiental. Urge que modifiquemos, atualizemos e transformemos nossas condutas, atitudes e valores.

Os ecossistemas naturais distinguem-se das comunidades humanas, porém, ambos são dependentes das condições ambientais em escalas variadas. A presença humana é sempre um fator preponderante nas relações sistêmicas com o meio ambiente. Mesmo, atualmente, o meio ambiente, também, desempenha um papel decisivo em situações globais ou locais, como nos casos de maremotos, ciclones, terremotos, avalanches, estiagens prolongadas, inundações ou calores intensos. Nestas situações, os seres humanos se vêem dependentes das fúrias naturais dependentes das fúrias naturais, se sentem impotentes para lidar com os aspectos físicos geográficos da natureza. “O admirável mundo novo” só previu e trabalhou com os controles biológicos, sociais e culturais, não previu nem se interessou com os climáticos, tectônicos, oceânicos ou terrestres. Por isso, “o mundo novo” seria quase perfeito e equilibrado.

Nos últimos dois séculos do milênio anterior, assistimos revoluções e muitas discussões sobre direitos humanos: direito da mulher, da criança, do idoso, das minorias raciais e religiosas. Chegamos até estruturar uma Nações Unidas para

congregar as nações e os povos do planeta. Organizamos associações governamentais e não governamentais para lutarem contra a discriminação, pobreza, desamparo, e a favor da habitação e da vida decentes, da água potável, das estradas conservadas, da energia elétrica, da alimentação básica para todos, independente da etnia, religião e localização geográfica.

Em grande parte, no segundo quartel do século vinte, atingimos patamares razoáveis, principalmente nos aspectos sanitário e de higiene: a vacinação de crianças e adultos contra várias doenças endêmicas, os transplantes de órgãos vitais, a coleta e tratamento do lixo, a recuperação de bacias hidrográficas, o combate de endemias (malária, fome, desnutrição). Quanto aos aspectos políticos assistimos a luta a favor das eleições livres e do combate ao autoritarismo, às ditaduras sangrentas e indiscriminadas.

Quanto aos aspectos socioeconômicos, relativamente se fez pouco: as diferenças de classes sociais e a distribuição de rendas, não é marcante nas paisagens geográficas. Permanecem os ricos e abastados de um lado e os pobres e subdesenvolvidos de outro. Quanto aos aspectos ambientais defrontamos com um quadro mais ou menos semelhante aos demais: a percepção e a cognição em relação ao meio ambiente foram auspiciosas, pois nos despertamos para a natureza, nos interessamos pelo ambiente natural, estamos desenvolvendo um sentimento de afetividade especial para com os animais e plantas selvagens, estamos tomando consciência de necessidade de preservação, conservação e recuperação ambiental. Hoje, há ecólogos, geógrafos, ambientalistas, biólogos e outros mais, estudando, pesquisando, trabalhando nessa área. Diríamos, como Tuan, que a topofilia floresceu entre os homens. Este elo afetivo para com o lugar surgiu concreta e vividamente, como uma experiência pessoal e coletiva e persistirá entre nós, “incluindo todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material”.

Não devemos nos esquecer que o despertar de sentimento topofílico, também apresenta seu reverso: o sentimento topofóbico. Muitas pessoas desenvolvem uma topofobia em relação a certos lugares, em geral, relacionadas com a emoção, as lembranças, os acontecimentos e sentem verdadeiras fobias por alguns lugares e espaços. Ainda, podemos nos defrontar com um topocídio de um lugar. Exemplo de desaparecimento de vilas e povoados resultantes da inundação de áreas para construir represas. Mais, recentemente, assistimos a busca de uma topo-reabilitação

para paisagens valorizadas e consideradas únicas, por empresas estatais e não estatais, patrocinando a recuperação de cidades antigas, edifícios, obras arquitetônicas e formação de profissionais para esse mister.

Estes têm sido e deverão ser os direitos e os deveres humanos para as construções históricas e modernas, a serem preservadas para a posteridade. Mas, quais são os direitos e deveres para com o natural? O que preservar ou conservar, ou reconstruir do natural, do selvagem? Cada sociedade, cada comunidade percebe de uma maneira, valoriza certos aspectos, prioriza algumas atitudes, prepara a seu modo as relações ambientais. Este século será marcado pelos direitos naturais. Temos tomados consciência de que a natureza exige atenção respeitosa, reclama que a leis sejam cumpridas e implementadas, que os códigos sejam acatados e, principalmente, que aprofundemos nossos conhecimentos em relação ao meio ambiente. A política ambiental deve ser abordada tanto como local mundialmente, pois, hoje vivemos uma “aldeia global”, as interações acontecem aqui e agora, lá e acolá, em todas as partes.

As perspectivas para uma cognição/cognição ambiental devem incluir, não apenas admiração pelas belezas exóticas e únicas, mas, também, recuperar biomas degradados, preservando a diversidade genética da biota. Lembremos sempre que não vivemos em regiões selvagens, mas necessitamos delas para nossa sobrevivência psicológica e biológica. Reconhecemos que a nossa experiência com o selvagem, apesar de indireta e passageira, é imprescindível para manter nosso equilíbrio e harmonia com o meio ambiente como todo. O nosso contato com o selvagem, com a natureza intocada, temos tido, indiretamente através da mídia. Quem aprecia os vídeos e os filmes sobre as regiões selvagens? Quem não sonha em participar de um safári fotográfico no Pantanal ou nas savanas africanas, para “ver” os animais e principalmente as aves coloridas? Quem não fantasia uma viagem submarina para descortinar o fundo do mar e seus misteriosos peixes, corais e algas?

Por tudo isso e talvez muito mais é preciso passar da visão utópica para a ação efetiva, para uma ética relação ao manejo da Terra, para uma afetividade positiva para com o nosso planeta, atingindo a “corte amorosa da Terra”. São razões estéticas e morais, além das econômicas e ecológicas, para preservar e conservar paisagens geográficas e históricas.

Termino com as palavras de René Dubos, em seu livro “Um Deus Interior”:

Muitas vezes é difícil manter a fé no destino do Homem, mas é certamente uma atitude covarde desesperar dos fatos (.p234).

REFERÊNCIAS

BALTRO, A. M. **O pensamento de Jean Piaget**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1976.

DEL RIO, V.; OLIVEIRA, L. **Percepção ambiental, a experiência brasileira**. São Paulo: Studio Nobel, 1996.

DUBOS, R. **Um Deus interior**. São Paulo: Melhoramentos e EDUSP, 1975.

KOHLSDORF, M. E. **A apreensão da forma da cidade**. Brasília: Editora Unb, 1996.

PIAGET, J. **Seis estudos de Psicologia**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1973.

TUAN, Y. **Topofilia**. São Paulo: DIFEL, 1980.

WARD, B; DUBOS, R. **Uma Terra Somente**. São Paulo: Melhoramentos e EDUSP, 1973.